

Resenha*A Ética no jornalismo*

CHRISTOFOLETTI, Rogério (São Paulo: Contexto, 2008).

Sandra Simões da CRUZ¹

Ao observar as apresentações da mídia a respeito de diversos temas sociais, tais como política, meio ambiente e segurança pública, veiculados nos diversos canais de informação, sejam estes impressos e/ou audiovisuais, são verificadas diferentes maneiras de divulgação, nas quais o mesmo conteúdo pode assumir abordagens diversas. Nesse contexto, o professor Doutor em Ciências da Comunicação, Rogério Christofolletti, docente no curso de Jornalismo e no mestrado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), escreveu a obra “Ética no jornalismo”, analisando de forma crítica e concisa os diferentes modos de veiculação midiática ponderando-as no campo ético.

Visto que nos dias de hoje a mídia já possui grande participação em nosso cotidiano, facilitando o acesso as mais variadas notícias e fatos, ela “ajuda a moldar o nosso imaginário, estabelecer prioridades, decidir e descartar opções” (p.10.). Mediante essa intensa participação dos meios de comunicação social em nossas vidas, deveríamos nos questionar onde estão os limites morais das coberturas midiáticas atuais. Onde está a conduta ética na produção, exposição e linguagem dos trabalhos jornalísticos? Estes são alguns questionamentos feitos pelo autor ao longo dos seis capítulos de sua obra.

Logo nas linhas introdutórias, Christofolletti nos indaga qual seria a importância exercida pela ética no jornalismo, mencionando em sua ilustração fortes imagens que povoam nossa memória desde longa data, como a obra *Guernica*, de Pablo Picasso, que retrata tão veementemente a horror e o medo gerado pela guerra, imortalizados por meio de uma moldura.

Se a mídia ostenta tanto poder em gravar informações na nossa mente e influenciar nossa construção de opiniões, ela também deve buscar ostentar uma responsabilidade sobre os conteúdos veiculados e a forma destes serem expressos.

O autor menciona em sua obra, que: “No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a

¹ Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB) em 2010.

conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus compromentimentos e valores” (p.11). A partir desse pressuposto são analisados pontos de intercessão presentes em algumas conhecidas expressões: “cada um tem sua ética”, “Ética é uma coisa abstrata”, “Ética é uma só”, “Ética é um assunto acadêmico” e “Ética se aprende na escola”.

A partir dos tópicos mencionados anteriormente são desencadeados questionamentos a respeito das dimensões individuais e sociais da ética, e suas relações simbólicas e materiais nos direcionamentos dos conteúdos veiculados pelos profissionais da comunicação.

No primeiro ponto, “Cada um tem sua ética”, o autor procura mostrar que a conduta profissional deve levar em conta que cada escolha trará consigo suas consequências e, por isso, cada decisão implicará suas responsabilidades. As escolhas aí também precisam ser norteadas por certos fatores, tais como: a linha editorial seguida pela empresa, a imagem do perfil moral do público alvo, o ambiente de concorrência mercadológica, o contexto social e histórico no qual o fato está inserido, entre outros.

Na abordagem do que o autor intitula de mito 2, “Ética é uma coisa abstrata”, é visto que “a ética pode não ser concreta, mas as consequências de uma decisão ética repercutem no plano material” (p. 19). A forma que uma notícia é abordada pela mídia pode gerar grandes repercussões e, por vezes, prejuízos de ordem material e social. Embora a ética não seja algo tangível, as consequências de um julgamento moral pode ser sentido na pele e gerar graves danos.

Nesse ponto, o autor nos expõe um exemplo plausível de consequências materiais causadas à imagem de indivíduos. É o exemplo da Escola Base, acusada de palco de orgias sexuais com os alunos, feitas por educadores da mencionada instituição. Após a grande repercussão midiática foi provado a não procedência das informações iniciais, tratando-se de uma acusação infundada, uma especulação difundida pela mídia, porém, as supostas vítimas e acusados, mesmo depois de provada inocência, continuam a viver na sociedade, sentindo na pele as consequências materiais e, de certa forma, a morte social causada pelas informações desmedidas e precipitadas difundidas pelos canais de comunicação.

Tal relato nos leva a analisar até que ponto valeria um furo de reportagem. Onde está o comprometimento com a checagem da verdade dos fatos antes da exposição das informações?

No terceiro e quarto tópico, “A ética é uma só” e “Ética é um assunto acadêmico”, o autor cita a maneira como os valores morais devem se configurar na prática profissional, “Não existe ação humana sem implicações éticas” (p.23). Para isso, o mundo corporativo das comunicações precisa sim enfatizar e vigorar os vínculos entre a ética e a qualidade.

Esse mesmo raciocínio é mantido no tópico seguinte, “Ética se aprende na escola”, onde observamos que o arraigar de valores não deve ser restrito, mas, ter uma dimensão ampla e complexa. Nesse contexto, não analisemos a escola como o “bê a bá” dos princípios, e sim como um espaço para que estes sejam discutidos e vivenciados, reforçando valores e refletindo condutas. “Portanto, a ética jornalística não se aprende nas escolas de comunicação, mas é nesse ambiente que se deve despertar para o exercício ético da reflexão na prática” (p.24).

Além destes, o autor alerta para fatores que merecem uma atenção especial, pois, podem configurar fantasmas que assombram as redações, e comprometer o desenvolvimento dos trabalhos, tais como: a objetividade plena, a imparcialidade total, o glamour da carreira e o poder ilimitado da mídia.

Desde que comprometido com a fidelidade e a veracidade dos fatos e versões, o jornalismo deve primar pela prática do caráter social voltado ao coletivo, demonstrando confiabilidade. No entanto, para que haja tal ligação e confiança alguns aspectos devem ser bem explorados, tais como a natureza do meio que veicula a mensagem, o autor do fato, o contexto a qual está inserido e a linguagem utilizada. “Sem credibilidade, nenhum veículo de comunicação de mantém” (p.28).

Ao esbarrarmos no campo de construção dos princípios sociais não podemos esquecer que esses veículos comunicacionais retratam narrativas cotidianas, tendo como protagonistas pessoas diversas, lidando com reputações e honras pessoais, auxiliando na formação de conceitos e construção do imaginário popular, em seus sentidos de verdade e realidade. Assim, agir com comprometimento ético e responsabilidade social torna-se tão importante quanto às etapas de produção técnica das veiculações.

É importante pesarmos as decisões a serem tomadas em cada propagação midiática, porém, nem sempre isso configura uma fácil tarefa. Christofolletti, na página 32 da sua obra, nos traz um exemplo prático de como a tomada de decisões para a divulgação de uma informação nem sempre é algo simples. O autor expõe o exemplo de uma guerra, nesse caso alusivo, Brasil e Venezuela. Havendo conflito armado entre essas regiões um grupo de jornalistas foi enviado ao local para cobrir o fato. Em certo momento, um dos

profissionais da comunicação que foi ao local descobre fatos que incriminariam métodos de corrupção adotados pelas tropas brasileiras, e essa informação poderia gerar sérias repercussões internacionais não favoráveis ao país. A situação gera um grande conflito ético ao profissional, pois, de um lado encontra-se o comprometimento com a verdade dos fatos, de outro a lealdade ao seu país e a preocupação com a segurança nacional. Nesse contexto, não apenas decisões devem ser pesadas, mas, de igual modo, todo o conjunto de consequências inerentes à decisão tomada.

É para que haja uma maior harmonização nos direcionamentos e decisões que são formados os códigos de ética, manuais e regras seguidas em cada profissão, e não é diferente para o comunicador. Os direcionamentos aqui servem como balizas sinalizadores, auxiliando o melhor posicionamento. “Joga melhor quem conhece as regras” (p.77). Esses documentos são formulados a fim de nortear o profissional da comunicação no exercício de sua função inicial, de ser guiado pelo interesse público, agir de forma democrática na difusão dos fatos e não permitir qualquer interrupção no fluxo de informações. A partir desse raciocínio o autor também nos leva a uma reflexão sobre a obtenção de notícias através dos novos meios de comunicação. Se no *cybercampo* da *Web*, vasta arena informativa, os fatos nem sempre apresentam autores específicos ou comprovações, como as novas tecnologias podem se tornar parceiras do jornalista sem que haja ruído ou equívocos? “Como a comunicação não é mais a mesma e o jornalismo se modifica com todos esses impactos, convém somar novas reflexões às já feitas sobre a ética jornalística” (p.96).

Sobre isso, o autor escreveu um tópico intitulado “jornalismo *on-line* e desafios à consciência”. O título é sugestivo a história relatada logo nas primeiras linhas desse trecho, que menciona a história do repórter *Jason Blair*, por anos funcionário do *New York Times*. Em dado momento foi descoberto que o referido jornalista manipulava textos avulsos dispostos na *Internet*, plagiando histórias como se fossem de sua autoria. Tal situação abalou momentaneamente a credibilidade tida no jornal. A diversidade de textos dispostos na *Internet* constituiu uma fonte vasta para as histórias fictícias do repórter, porém não pode ser apontada como a natureza da causa de seu comportamento desvirtuado dos padrões éticos estipulados à profissão que exercia. “A tecnologia pode ser boa ou ruim, dependendo do uso que homens e mulheres fazem dela. Uma faca serve tanto para matar quanto para dividir um pão” (p.97).

Para a disposição de informações veiculadas na *Internet* deve-se ter em conta a diferentes etapas na produção das notícias. Neste meio, devido a sua agilidade e rapidez na difusão de fatos e acontecimentos, muitas vezes acontece o oferecimento de conteúdos insuficientes ou incorretos, onde se deveria atentar para e checagem dos dados noticiosos antes de qualquer publicação. “A velocidade não deve afetar a correção ou a precisão das informações. Se isso acontecer, portais e jornalistas renunciam as características que fazem parte do próprio DNA de sua atividade profissional” (p.99). Assim, a diversidade de recursos tecnológicos, quando bem utilizada, deve servir de aliada a propagação de fatos verídicos e de utilidade pública.

Essa nova cultura midiática trazida pela *Internet* resultou ainda em uma maior proximidade do público com a propagação e compartilhamento das notícias, “a ideia é simples: todo mundo pode ser repórter (...). Em diversos cantos da *Web* aparecem centros de mídia cidadã, abastecidos por textos, fotos, vídeos e áudios enviados por donas-de-casa, bancários, estudantes e até jornalistas fora do mercado” (p.106). Essa realidade trazida pela tecnologia é algo que contagia a grande mídia, aproximando e interligando emissores e receptores, “o jornalismo já não é mais o que pensávamos. Terá de se reinventar. Exatamente como fez outras vezes” (p.109).

A obra de Rogério Christofolletti apresenta de forma sintetizada os grandes desafios da mídia atual em se manter comprometida com a ética e os valores sociais vigentes, sem deixar de noticiar e informar os cidadãos dos acontecimentos cotidianos. Desse modo, expõe de que forma esta realidade acontece nos dias de hoje e explana a importância do pesar de decisões que este processo envolve aos profissionais da comunicação social. Usando uma linguagem simples e bastante ilustrativa, rica em exemplos, o autor contribui para a didática que deve ser adotada pelos profissionais da informação, regendo sua conduta e incentivando o raciocínio arraigado nos princípios sociais.